



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CEDUC
CAMPUS I. CAMPINA GRANDE
CURSO DE HISTÓRIA

ERIK MANOEL FARIAS DE BRITO

**O CAMINHO DO SERTÃO DAS ESPINHARAS: UMA ROTA PARA O
DESBRAVAMENTO DOS SERTÕES DA ANTIGA CAPITANIA DA PARAÍBA.**

CAMPINA GRANDE
2017

ERIK MANOEL FARIAS DE BRITO

**O CAMINHO DO SERTÃO DAS ESPINHARAS: UMA ROTA PARA O
DESBRAVAMENTO DOS SERTÕES DA ANTIGA CAPITANIA DA PARAÍBA.**

Trabalho de Conclusão de Curso em História
para Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciatura Plena em História.

Orientador: Prof. Jordan Queiroz Gomes.

CAMPINA GRANDE

2017

|

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B862c Brito, Erik Manoel Farias de.
O caminho do Sertão das Espinharas [manuscrito] : uma rota para o desbravamento dos sertões da antiga Capitania da Paraíba. / Erik Manoel Farias de Brito. - 2017.
24 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.
"Orientação : Prof. Dr. Jordan Queiroz Gomes, Coordenação do Curso de História - CEDUC."

1. Capitania da Paraíba. 2. Sertão da Paraíba. 3. Colonização sertaneja.

21. ed. CDD 981.33


ERIK MANOEL FARIAS DE BRITO

O CAMINHO DO SERTÃO DAS ESPINHARAS: UMA ROTA PARA O
DESBRAVAMENTO DOS SERTÕES DA ANTIGA CAPITANIA DA PARAÍBA.

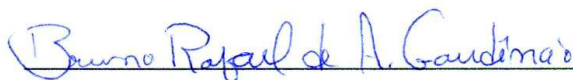
Trabalho de Conclusão de Curso em História
para Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciatura Plena em História.

Aprovada em: 08/12/2017

BANCA EXAMINADORA



Prof. Ms. Jordan Queiroz Gomes (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Ms. Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Ms. Thomas Bruno Pereira de Oliveira
Sociedade Paraibana de Arqueologia (SPA)

“O problema da conquista e colonização do interior da Paraíba (...) merecendo de urgente revisão em toda sua estrutura (...) por oferecer, ainda, campo vasto para novas indagações e estudos. [...] Não se conhece até hoje, com certa precisão, os caminhos percorridos pelos nosso sertanistas.”

Wilson Seixas

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	5
2. O DESBRAVAMENTO DOS SERTÕES DAS CAPITANIAS DO NORTE.....	8
2.1. Os Oliveira Ledo.....	11
2.2. O caminho dos Carirys às Espinharas.....	13
2.3. A antiga Estrada Real das Espinharas.....	15
3. CONCLUSÃO.....	19
4. REFERÊNCIAS.....	21

O CAMINHO DO SERTÃO DAS ESPINHARAS: UMA ROTA PARA O DESBRAVAMENTO DOS SERTÕES DA ANTIGA CAPITANIA DA PARAÍBA.

Erik Manoel Farias de Brito¹

RESUMO

Dada a dimensão que envolveu o processo da conquista dos Sertões da Paraíba por parte dos Oliveira Ledo, é fundamental entender, especificar e reavaliar entrelinhas dos documentos mais antigos, em dialética com as produções recentes buscando à luz de novas perspectivas, como a toponímia, cartografia e a paleografia, para uma releitura da raiz do processo colonizador sertanejo, que, ao nosso ver, se iniciou na determinação da rota inicial do desbravamento e conquista dos Sertões. A antiga rota das Espinharas, que ainda possuem alguns trechos preservados ou pouco danificados, que serviu de esteio para estas antigas bandeiras, constitui um patrimônio do período seiscentista que precisa ser inventariado e preservado, porque através dele se pode conhecer uma série de fatos e imaginários relacionados aos primeiros povoadores dos sertões paraibanos. Desse modo, nosso objetivo neste trabalho é reunir dados ainda não observados pela atual historiografia, tanto seiscentistas quanto atuais, para analisar e fundamentar o percurso traçado pelos Oliveira Ledo para dar início à sua conquista dos sertões paraibanos, em competição com a casa dos Garcia D'Ávila e para que o mesmo possa integrar o acervo de bens históricos do Estado, bem como servir de aporte para pesquisas históricas e arqueológicas. O estudo ocorrerá tanto no debruçar das fontes quanto na pesquisa de campo para constatar *in loco* a existência, a rota, importância e estado de preservação em que esse patrimônio se encontra.

Palavras-Chave: 1.Capitania da Paraíba; Sertões da Paraíba; Oliveira Ledo.

1- INTRODUÇÃO

Quase todos os sertões semiáridos da antiga Capitania da Paraíba foram conquistados pelo clã Oliveira Ledo (BRITO, 2017. P. 78), disso não há qualquer dúvida, mas ainda é obscuro o modo em que se deu e os motivos que levaram o clã a pleitear esta conquista. Não há cartas oficiais ou outros meios de informações documentais que narrem de modo claro o imaginário ou as cogitações estratégicas que conduziram este clã familiar a dominar, de maneira eficaz, estas regiões áridas por sobre o Planalto da Borborema e também as terras sertanejas além de seus contrafortes ocidentais.

Todavia, os documentos e autores da historiografia paraibana são unânimes² que a conquista dos sertões paraibanos foi empreendida pelos Oliveira Ledo a partir do

¹ Aluno de Graduação em História na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.

arraial de Antônio de Oliveira Ledo no boqueirão da Serra do Carnoió³, mas na leitura calma e ponderada que fizemos das inúmeras fontes da historiografia paraibana, observamos que nenhum autor, desde Maximiano Lopes Machado⁴ até os mais atuais como Mello, Almeida, Tavares e tantos outros, referencia de modo indubitável e detalhado o percurso inaugurado por estes sertanistas.

As terras do Arraial do Boqueirão, situadas nos Sertões dos Carirys⁵, como ficou denominada a região, foram ocupadas pelos Oliveira Ledo em 1663 (MELLO, 1995.p.75), e sua concessão se deu dois anos depois, conforme atesta o documento de sesmária (Apud ALMEIDA, 1979.p.15) e segunda sesmária concedida à família na Capitania foi a Data de Espinharas (ALMEIDA, 1978.p.103), a chamada “Grande Data dos Oliveira”⁶, concedida em 1670. Portanto, o primeiro caminho traçado pelos Oliveira Ledo para a conquista do Sertão foi percorrido no hiato territorial entre estas duas regiões: os Sertões dos Carirys⁷ e os Sertões das Espinharas⁸, mas, embora este percurso tenha um notório significado histórico, a historiografia paraibana não se ocupou em determiná-lo.

Nossas primeiras problemáticas sobre esta primeira rota sertanista da Paraíba se deram no exame de topônimos, tanto os de origem lusa quanto os de inspiração nativa, onde contamos com o auxílio do historiador Brito acerca dos topônimos derivados dos idiomas tupi e cariri.⁹ Neste horizonte de pesquisa ainda muito pouco examinado por historiadores, nos foi possível perceber uma rota toponímica sugerindo que antes mesmo de se chegar às Espinharas, os desbravadores já acalentavam a perspectiva de encontrar este meio de integração. Topônimos como “Travessia”, “Passagem” e até o termo indígena “*Ypinháraã*”, que se apresentam na rota, demonstram não só a formação

² ALMEIDA, 1978. p.05, BRITO, 2015. p. 59, JOFFILY, 1977. p.04, MELLO, 1995. p. 73, TAVARES, 1982.p.83.

³ A Serra do Carnoió se refere a formação geográfica no qual se encontra hoje o balde do açude Epitácio Pessoa no município de Boqueirão. No período em questão não havia o balde e sua nomenclatura vem do tupi “passagem de fazer-se abrir”.

⁴ A História da Província da Paraíba deste autor, embora só tenha sido publicada em 1912, foi a primeira História da Paraíba, escrita presumivelmente entre 1880 e 1886 (Apud MACHADO, 1977:30).

⁵ É uma das microrregiões do estado brasileiro da Paraíba pertencente à mesorregião Borborema.

⁶ Termo utilizado para as grandes sesmarias com dimensões superiores a oito léguas quadradas comuns até fins do séc. XIX. (BRITO, 2017.p.63).

⁷ Os trechos percorridos pela Estrada nos Sertões dos Cariris correspondem atualmente a territórios dos municípios de Boqueirão, Cabaceiras e Taperoá, todos paraibanos.

⁸ Os trechos percorridos pela Estrada nos Sertões das Espinharas correspondem atualmente a territórios dos municípios de Salgadinho, Passagem, Patos, Rachado e Pombal, todos paraibanos.

⁹ O historiador Vanderley de Brito, exímio estudioso das línguas indígenas, há anos vem estudando a toponímia de inspiração nativa no território paraibano, tendo publicado inúmeros artigos sobre a temática em revistas de veiculação científica, tais como podem ser observadas em: (BRITO, 2011), (BRITO, 2013) e (BRITO, 2016)

geográfica de um roteiro (que mais tarde se transformou em estrada real), como também que o caminho foi traçado com o objetivo já preestabelecido de encontrar as Espinharas.

Portanto, a campanha promovida pelo patriarca do clã Oliveira Ledo para a descoberta de um caminho dos Sertões dos Carirys para o Sertão das Espinharas foi intencional, ele sabia aonde queria chegar, pois já conheciam as Espinharas de campanhas exploratórias anteriores (ALMEIDA, 1978.p.103), mas somente pela rota já desbravada por outros curraleiros vindos da Bahia através do Pajeú, um antigo acesso natural aos sertões extremos da Paraíba e da Capitania do Rio Grande e, portanto, esta rota que se havia de abrir era até então inédita.

Por esse tempo, a Casa da Torre já era possuidora de enormes domínios territoriais nos ermos da Paraíba, com currais nos sertões das Piranhas, Rio do Peixe e Piancó (BANDERA, 2000.p.21), porém o sertão das Espinharas ainda estavam devolutos, ocupados apenas por indígenas, mas seria apenas uma questão de tempo para que a avidez da Casa da Torre desbravasse estes sertões e estendesse seus domínios para o leste da Capitania da Paraíba até o ponto de ilhar a Data dos Oliveira do Cariry. Desse modo,urgia que os Oliveira Ledo tomassem para si as terras das Espinharas para criar uma barreira ao avanço da Casa da Torre em direção ao Cariry. Percebe-se, portanto, que o domínio das Espinharas foi uma estratégia de extensão latifundiária dos Oliveira Ledo, que almejava concorrer com a poderosa Casa da Torre o domínio dos sertões da Capitania.

Mas o projeto agrário dos Oliveira Ledo na então Capitania da Paraíba pretendia não apenas impedir o avanço da Casa da Torre, mas também, de modo sutil, dominar todo o sertão paraibano, isso se mostra muito claro, quando o clã passou a arrendar terras aos Garcia d'Ávila nas Piranhas, Rio do Peixe e Piancó, adquirir o domínio político da região prestando “serviços úteis a Sua Majestade”, quando Antônio de Oliveira Ledo conquistou o posto de Capitão-mor dos Sertões dos Carirys, Piancó e Piranhas, e forçar o estabelecimento da sede da jurisdição exatamente nas Piranhas, de modo a forçar os Garcia d'Ávila a doar patrimônio para o Arraial de Bom Sucesso, que passaria a jurisdição real sob o domínio político, é claro, do clã Oliveira Ledo, uma vez que os cargo de capitão-mor dos sertões, por meio de influência e poder, perpassou-se de modo hereditário para o clã¹⁰.

¹⁰ Tal afirmativa é endossada em alguns trechos do livro de Seixas. (SEIXAS, 2004.p.29-46).

É notória a mobilidade e influência que os Oliveira Ledo adquiriram no território, com inúmeras fazendas nas mãos de seus parentes e de gente de sua casa (TAVARES, 1982.p.82), assim como eles se aproveitaram do imenso distanciamento destes sertões em relação a capital do Brasil, em Salvador. Como o poder das patentes militares e administrativas perpassando por hereditariedade e algumas medidas governamentais favoráveis, como a redução das sesmarias para uma légua por três e a extinção das grandes datas de terras, que acanharam os avanços da Casa da Torre na Paraíba, o clã dos Oliveira Ledo cada vez mais dilatou suas ambições latifundiárias e de poder administrativo, especialmente nos tempos de Theodósio de Oliveira Ledo¹¹.

Dada a dimensão que envolveu o processo da conquista do Sertão por parte dos Oliveira Ledo, se faz fundamental, entender e especificar a raiz de tudo isso, que, ao nosso ver, se iniciou na determinação da rota inicial deste desbravamento e conquista. A precisão deste perfil geográfico, em termos práticos, pode até parecer uma informação inútil à História, mas devemos salientar que esta antiga rota das Espinharas se trata de uma memória viva do período seiscentista, um patrimônio arqueológico que precisa ser inventariado e preservado, porque através dele se pode conhecer uma série de fatos e imaginários relacionados aos primeiros povoadores dos sertões paraibanos.

A historiografia da Paraíba está eivada de logicas imprecisões, devido sua disponibilidade a novas incursões, e muito de nossa História jaz silenciosa nas entrelinhas de velhos documentos que podem ser reavaliados à luz de novas perspectivas, como a toponímia, cartografia e a paleografia. Portanto, nosso objetivo neste trabalho é reunir dados ainda não observados em fontes sesmareaal para esclarecer e fundamentar o percurso inaugurado pelos Oliveira Ledo para dar início à sua vitoriosa conquista dos sertões paraibanos.

2- O DESBRAVAMENTO DOS SERTÕES DAS CAPITANIAS DO NORTE

O desbravamento dos sertões das chamadas capitânicas do Norte¹² se iniciou no século XVI, por Garcia de Souza d'Ávila (1510-1609), supostamente filho de Tomé de

¹¹Foi um Capitão-Mor das Fronteiras dos Piranhas, Cariris e Piancós, um nobre português miliciano das Ordenanças Portuguesas no Brasil, promoveu a exploração e ocupação dos sertões paraibanos. Fundador de vários povoados, arrais e vilas que posteriormente se tornaram municípios, entre eles Campina Grande, Olivedos, Pombal.

¹²Por esse tempo o Brasil ainda não tinha a extensão que tem hoje, era basicamente uma faixa vertical de terra dividida em doze faixas horizontais (as capitânicas) que se estendia além do litoral até mais ou menos

Souza, primeiro Governador Geral do Brasil.¹³ (BANDEIRA, 2000.p.22) Suas terras iam de Itapoã até o Rio Real e Tatuapara, pequeno porto cinquenta metros sobre o nível do mar, e foi lá que Garcia d'Ávila, após ter vencido as tribos indígenas existentes ao norte de Salvador, construiu entre 1600 a 1624 o seu castelo, que se tornou depois a monumental Casa da Torre.¹⁴ (BANDEIRA, 2000.p.24) E em poucos anos o suposto filho de Tomé de Souza já era o homem mais poderoso da Bahia, mas nunca se identificou como filho do governador-geral, decerto porque a lei portuguesa proibia que capitães-mores e governadores doassem sesmarias a seus familiares.

Grande desbravador, no final do século XVI a propriedade já era a maior do Brasil, indo da praia do forte até o Maranhão, perfazendo um total de 800 mil quilômetros quadrados, latifúndio que administrava da Casa da Torre, arrendando sítios a terceiros por meio de procuradores (BANDEIRA, 2000.p.25). Erguido seu império latifundiário, Garcia d'Ávila preparou seu neto Francisco Dias d'Ávila (1576-1650) para assumir seus negócios e Francisco Dias d'Ávila expandiu ainda mais o latifúndio, espalhando currais de gado pelo sertão aumentando as terras da Casa da Torre em mais de 300 léguas. Pedro Calmon afirma que ele

Tangeu as pontas de gado do Itapicuru para o médio São Francisco. Fez do boi seu soldado. Os outros sertanistas se apossavam do país com tropas de guerrilheiros, ele o empalmou com suas boiadas. O rebanho arrastava o homem e, atrás deste a civilização” (CALMON, 1939.p.65-66).

Dando seguimento ao avanço latifundiário, a herança de Francisco Dias d'Ávila passou ao seu filho Garcia d'Ávila, o segundo do nome (1622-1675), que com grande entusiasmo dilatou ainda mais os domínios da Casa da Torre em mais algumas centenas de léguas pelos sertões adentro, fazendo a integração de toda a terra sertaneja da Bahia,

onde hoje é o Estado do Maranhão e, portanto, o Norte da colônia era as capitâneas posicionadas ao norte da Bahia. (BRITO, 2015.p.20)

¹³Tomé de Souza (1503-1579) era português e foi o primeiro governador-geral do Brasil, aportando na Bahia em 1549 para instalar a sede do novo governo ele fundou a cidade do Salvador, onde fez edificar a residência do governador, a Casa da Câmara, a Igreja Matriz, Colégio dos Jesuítas e, aos poucos, outros edifícios. Ele permaneceu no cargo até 1553, quando retornou a Portugal onde ocupou outros importantes cargos públicos. (BANDEIRA, 2000.p.22)

¹⁴O castelo da Casa da Torre erguido por Garcia d'Ávila para sede dos seus domínios constituía-se em uma espécie de mansão senhorial, um complexo no estilo manuelino composto de moradias e defensas, capela, uma torre ameada, com três pavimentos marcados por linhas de seteiras e um baluarte vigilante. Em alvenaria de pedra e cal, tinha a função de vigiar o sertão por um lado, resistindo aos ataques dos indígenas revoltados e o mar pelo outro, resistindo aos corsários que então procediam razias no litoral. (BANDEIRA, 2000.p.24)

Pernambuco, Piauí e Maranhão à atividade pecuária da Casa da Torre. (CALMON 1939.p.68)

Com a morte do segundo Garcia d'Ávila sucedeu-o no domínio da Casa da Torre o seu filho Francisco Dias D'Ávila, o segundo deste nome (1646-1696), que foi o responsável pela penetração do gado da Casa da Torre nos ermos sertões da Capitania da Paraíba, adquirindo terras e estabelecendo currais nos sertões do *Pinhancó*, Piranhas e Rio do Peixe¹⁵ (BRITO, 2017.p.18). Na figura legendária deste segundo Francisco Dias d'Ávila, cognominado por Pedro Calmon de “O Grande”, a Casa da Torre possuía então quase toda a Capitania Geral de Pernambuco¹⁶ e ainda estava a se expandir de modo voraz, sem qualquer concorrência porque durante os séculos XV, XVI até a primeira metade do século XVII, o Nordeste do Brasil Colonial era basicamente canavieiro e litorâneo e a atividade pecuária e sertaneja se limitava apenas aos imensos latifúndios da toda poderosa Casa da Torre. (BRITO, 2015.p.62).

Na segunda metade do século XVII, quando se deu a expulsão dos holandeses (que desde 1631 haviam ocupado a faixa litorânea do Nordeste do Brasil), muitos colonos passaram a se interessar pelos sertões e o negócio de criar gado, especialmente os cristãos-novos que viviam no Brasil, pois a retomada do Nordeste do Brasil dos neerlandeses¹⁷ significava que esta região voltaria aos domínios portugueses e se interiorizar se tornava uma necessidade urgente antes do antissemitismo da Santa inquisição¹⁸ voltar a atual na Colônia. (BRITO, 2015.p.104)

¹⁵ Segundo Seixas, a Casa da Torre da Bahia, “graças ao regime latifundiário que instituíra no nordeste brasileiro, detivera em suas mãos quase um terço das terras do sertão da Paraíba”, sendo sesmeira do Piancó, Piranhas e Rio do Peixe (SEIXAS, 2004.p.158). Foi ela a primeira a penetrar nos sertões paraibanos a partir das nascentes do Rio Piancó, ocupando o vale das Piranhas e do Rio do Peixe, mas não estenderam seus domínios para o sertão de Espinharas, pois as sesmarias nº 831 e 834 indicam que as terras da Casa da Torre naquela porção ficavam a oeste do Riacho da Cruz.

¹⁶ Naqueles tempos, as Capitanias de Itamaracá, Paraíba, Rio Grande, Ceará, Piauí e a porção ocidental do rio São Francisco pertenciam à Capitania Geral de Pernambuco. A casa da Torre ainda se assenhoreou de grande parte dos atuais estados de Tocantins e Maranhão. Conforme informou Ângelo Emílio da Silva Pessoa, nas terras que representavam o patrimônio da Casa da Torre por esse tempo estavam inclusas em áreas da maioria dos estados da atual região Nordeste, Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Ceará e Piauí (PESSOA, 2003.p.76).

¹⁷ Também conhecida como “Insurreição Pernambucana”, a expulsão dos holandeses do Nordeste do Brasil aconteceu em 1645, quatorze anos após sua instalação no Brasil, e após esse fato a Coroa Portuguesa pode dar continuidade a seu objetivo de conquista dos sertões que fora interrompida pela invasão e posseção neerlandesa.

¹⁸ De fato a segunda visitação da Santa Inquisição da Igreja Católica no Nordeste do Brasil, como é referida, foi bem mais intensa que a primeira. Como a maior parte dos posseiros que vieram de Portugal eram judeus ou cristãos novos, seria um grande risco permanecer no litoral (único lugar visitado pela Inquisição devido à logística da época) já que a atividade ou mesmo uma denúncia de práticas de rituais pagãos era severamente punidos, na maioria dos casos com a morte. A migração para o Oeste, no momento, seria a melhor opção para fugirem da fiscalização. (BRITO, 2015.p.104)

Neste contexto começam a surgir grandes e pequenos sesmeiros a disputar mercês de territórios, especialmente àqueles que participaram nas guerras de expulsão dos holandeses, com destaque para Antônio Guedes de Brito, que os cronistas consideraram notáveis seus serviços nas lutas contra a invasão holandesa. Dono de grande fortuna pessoal, os Guedes de Brito receberam sesmarias e também adquiriram grandes lotes de terras por meio de compra.¹⁹ O historiador Bandeira explica que a família chegou a possuir uma imensa fortuna, cujo patrimônio ficaria conhecido como Casa da Ponte.²⁰ Tão grande a ponto de rivalizar com a dos Garcia d'Ávila (BANDEIRA, 2000.p.161).

2.1- Os Oliveira Ledo

Dentre os muitos pequenos sesmeiros da pecuária oriunda da Bahia que neste período de meados do século XVII, pós-guerra holandesa, passaram a se interessar pelo negócio de criar gado, na Paraíba teve destaque a família dos Oliveira Ledo, que residia na margem baiana do baixo Rio São Francisco e no intuito de criar gado subiram Pernambuco através do Rio Pajeú até atingir a atual Serra do Teixeira, onde tomaram o Rio Espinharas com destino ao Rio Grande e lá requereram duas Datas de Terra que lhes foram concedidas em 1664. Todavia, de aspiração latifundiária indisfarçável, logo esta família demonstrou que não pretendiam apenas adquirir terras para acomodar seus gados, mas criar seu próprio morgadio, e em 1665 os Oliveira já se achavam no platô da Borborema, quando receberam a concessão de uma Data de trinta léguas de terras ao longo do Rio Paraíba. Ali Antônio de Oliveira Ledo, o patriarca do clã, fundou na ombreira esquerda do boqueirão da Serra de Carnoió o que se pode considerar como a

¹⁹ A primeira sesmaria concedida ao capitão Antônio Guedes de Brito foi em 1652, onde consta que ele, juntamente com seu pai, Antônio de Brito Correa, haviam “feito paz com maior parte do gentio bravo (cariacãs e sapoyas) e haviam gasto muita fazenda, e como haviam terras de pasto entre as serras Tayaihu e Caguahe nunca povoadas e possuíam cabedal e muito gado” pediam as terras entre as serras e “as mesmas serras, com oito léguas de comprimento entre ellas, por qualquer rumo que corre sem tanto para um, como para outro”. O provedor-mor não hesitou em concedê-la “pelo merecimento, cabedal e benefício da republica”. Uma segunda sesmaria fora obtida, em 1655, através de requerimento novamente feito junto com seu pai, onde declaravam as justificativas de praxe.(TAVARES, 1982.p.85)

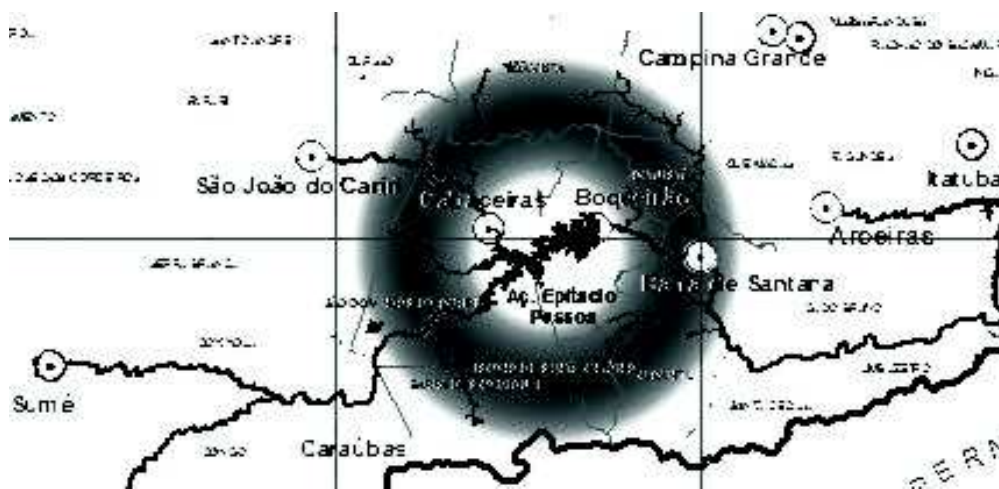
²⁰ Acredita-se que o nome “Ponte” tenha vindo somente mais tarde, em meados do século XVIII, quando a neta de Antônio Guedes de Brito, Joana da Silva Guedes de Brito, se casou com Manoel de Saldanha da Gama, conde da Ponte, daí contribuindo para que o patrimônio dos Guedes de Brito ficasse conhecido como Casa da Ponte. (ALVEAL, 2012.p.68)

sede da Casa dos Oliveira, de onde, segundo Mello, partiria suas bandeiras de desbravamento e penetração para a conquista dos sertões (MELLO, 1995.p.74).

Diferentemente dos Garcia d'Ávila e dos Guedes de Brito, os Oliveira Ledo não eram uma família de cabedal, pois, conforme o genealogista Almeida, eles tinham raízes humildes porque não constam registros da família nos tratados de heráldica, nobiliarquia ou mesmo genealogia dos povos da Península Ibérica (ALMEIDA, 1978.p.21). No entanto, nestes meados do século XVII havia o interesse da Corte portuguesa na ocupação da colônia e, como afirma Abreu, para se adquirir propriedades imensas no Brasil se “gastou apenas papel e tinta em requerimentos de sesmarias”. (ABREU, 1960.p.97) Desse modo, para se tornar um latifundiário no Brasil seiscentista bastava intrepidez para desbravar e demarcar sertões incultos e algum serviço prestado à Coroa para justificar os pedidos de terra.²¹

As pretensões pecuaristas do clã se restringiam apenas à Capitania da Paraíba e, sem dúvidas o quartel general para desbravar os sertões paraibanos seria o arraial do Boqueirão, fundado em 1663 nos Sertões dos Cariry²² onde residia Antônio de Oliveira Ledo, como pode ser analisado no mapa 1.

Fig1. Ideia aproximada da sesmaria dos Oliveira Ledo



Desenho do autor

²¹ A doação de uma sesmaria – ou data de sesmaria, expressão similar correntemente utilizada nos documentos coloniais – significava o instrumento jurídico mediante o qual estava legalizado o domínio sobre um determinado território durante os séculos XVI, XVII e XVIII. A transcrição das sesmarias concedidas em todo o território paraibano podem ser encontradas em Tavares. (TAVARES, 1982.p.86

²² O clã dos Oliveira Ledo assentou na sesmaria do Boqueirão um grupo de índios da etnia cariri que trouxera consigo dos aldeamentos missionários sanfranciscanos para pastorear seu gado e por isso aqueles sertões tomaram a denominação de Cariry. Estes gentios que acompanhavam as campanhas do Oliveira Ledo, segundo estudos etnográficos de Brito, eram oriundos da ilha de Aracá, ribeira do São Francisco, mais especificamente da tribo Obacoatiara, falantes da língua Dzubaquí. (BRITO, 2013.p.8).

Conforme atesta Nantes que passou seis meses em missão catequética neste arraial (NANTES, 1979.p.40). Os Oliveira Ledo já estavam informados de que os poderosos sesmeiros da Casa da Torre já haviam se assenhorado de todos os sertões a oeste do Rio Espinharas e, segundo Brito

[...] caso avançassem para o leste das Espinharas, além da Serra da Borborema, se confrontariam com os currais do Arraial do Boqueirão e, decerto ilharia os Oliveira Ledo, os impedindo de se estender, portanto a estratégia demandava que se conquistasse as Espinharas, ainda devolutas, para criar uma barreira contra o possível avanço dos Garcia d'Ávila. (BRITO, 2017.p.156)

Os sertanistas do clã Oliveira Ledo sabiam que além do curral erguido no sertão dos Carirys havia terras devolutas mais adiante, pois, por volta do ano 1662, antes de descobrir as vargens onde fundaram seu arraial, já haviam cruzado o território da Capitania da Paraíba em diligência organizada por seus cunhados Sebastião e Maria Barboza de Almeida para desbravar sertões no Rio Pontegy,²³ no Rio Grande, e no retorno desta campanha tinham sido informado sobre os chãos desabitados do boqueirão, que agora eram seus, e também souberam que as terras no trecho do Rio das Espinharas estavam devolutas, ocupadas apenas pelos gentios que, até então, não eram considerados donos das terras pelo governo. (Apud ALMEIDA, 1979.p.19-20) No ano seguinte eles organizaram a empresa que descobrira as terras do Boqueirão, no Sertão dos Carirys. Deixaram a povoação de Santo Antônio, às margens do São Francisco baiano,²⁴ e passaram a viver como pecuaristas na Paraíba. Mas agora viam a

²³ A Data do Pontegi foi concedida nos seguintes termos: “[...]O alferes Sebastião Barboza de Almeida, sua irmã Maria Barboza de Almeida, o alferes Baltazar da Mota, Antônio de Oliveira Ledo, Simão Correia, Mateus de Viveiros, Constantino de Oliveira Ledo, Luís de Albernaz e Gaspar de Oliveira, todos moradores neste Estado, que na Capitania do Rio Grande nas cabeceiras de Bento da Costa e no Rio Pontegy há terras devolutas, que nem estão povoadas nem até o presente dadas a pessoa alguma de sesmaria. É porquanto eles suplicantes as tem descoberto com muito trabalho; e têm seus gados, cavalgaduras e mais criações sem terem onde as acomodar; e querem povoar e cultivar as que forem úteis por seguir disto grande utilidade às rendas de Sua Majestade e bem comum. Pedem a V. Excelência lhes faça mercê das de sesmaria na parte e confrontação acima referida que é na Capitania do Rio Grande, no Rio Putegy, cabeceiras de Bento Costa, vinte léguas de terra pelo dito rio acima e doze de largo que começarão a correr nas cabeceiras de quaisquer datas que se ajam dado no mesmo rio e paragem referida...” (Apud ALMEIDA, 1979.p.20).

²⁴ Santo Antônio de Vila Nova era uma povoação à margem do São Francisco em território sergipano, que em 1679 foi elevado a categoria de vila sob o nome de Vila Nova de Santo Antônio, em 1910 foi elevada a cidade de Vila Nova e a partir de 1940 o município passou a chamar-se Neópolis. Esta antiga povoação do sertão baiano, conforme muitos documentos atestam, foi a antiga morada dos Oliveira Ledo. Muitos

necessidade de promover mais uma investida de desbravamento, dessa vez para ocupar os chãos das Espinharas, terras onde os Garcia d'Ávila ainda não tinham pisado, pois seriam propícias para alargar suas fronteiras pecuárias e impedir o avanço da Casa da Torre para o platô da Borborema. Todavia, se fazia necessário fazer um reconhecimento destes terrenos em hiato e estabelecer uma rota de integração entre os Sertões dos Carirys e os Sertões das Espinharas. É bem provável que os Oliveira Ledo tiveram a Serra do Pico como referencial geográfico para cumprir esta travessia entre o Cariry e às Espinharas, pois, conforme pudemos constatar *in loco*, a mesma pode ser vista e facilmente reconhecida já nos primeiros contrafortes da Serra do Teixeira.

2.2- O caminho dos Carirys às Espinharas

Com certeza os Oliveira Ledo tinham plena noção geográfica de onde se encontrava seus currais, pois citaram a Data de André Vidal de Negreiros como fronteira leste de sua data e certamente sabiam que o Sertão das Espinharas estava a Oeste de seu arraial, pois já haviam palmilhado esses sertões com destino aos sertões do Rio Grande, que já eram conhecidos e estavam ocupadas desde antes de 1660 pelo Capitão-mor João Fernandes Vieira (Apud PINHEIRO, 2010.p.31), e outros curraleiros.

O caminho para os sertões do Rio Grande se fazia ordinariamente a partir do Rio São Francisco, subindo o Rio Pageú até suas nascentes na Serra dos Canudos. Na outra vertente da serra estava a cabeceira de um riacho chamado da Cruz, cujas ardentes areias conduziam até um rio muito largo que os nativos chamaram de *Ybynháraã*, que trazendo para o português significa algo como “onde nasce o sertão” (BRITO, 2015.p.124). Este rio era o início do caminho para desbravar todo o sertão bruto. Mas a atual campanha do capitão Oliveira Ledo não viria do Pageú, como era de praxe, faria um caminho inédito, buscando um atalho para chegar às Espinharas a partir do Sertão dos Carirys, descendo a Borborema por caminhos nunca d'antes palmilhados por sertanistas.

Até o presente, nenhum historiador procurou traçar o caminho percorrido pelos Oliveira Ledo para ligar os sertões dos Carirys ao de Espinharas. Em fins do século XIX Irineu Joffily foi sucinto e evasivo ao descrever este trecho da estrada das Espinharas:

indícios indicam que os Oliveira Ledo eram marranos, pois os sobrenomes Oliveira e Ledo são constantes em várias denúncias de judaísmo perante o Tribunal da Inquisição em Portuga (SILVA FILHO, 2005 .p.170).

[...]no rio Taperoá acompanhando mais ou menos este à margem do rio tocava a Lagoa do Batalhão e descendo a Borborema seis léguas além dava nas águas do rio Pinháras ou Espinháras, que acompanhava até o lugar onde hoje a Villa dos Patos (JOFFILY, 1977.p.225).

E mais recentemente o historiador Mello é mais evasivo ainda ao determinar o caminho tomado entre o Cariry e às Espinharas:

[...]partindo da missão de Boqueirão, pelo curso do Paraíba, até o Rio Taperoá, afluente daquele, cruzou o pequeno Rio Farinha e subindo o curso do Espinharas, nas vizinhanças de Patos, laçou-se para nordeste (MELLO, 1996:74).

Porém, embora deixem uma grande lacuna territorial à preencher com topônimos da rota, numa coisa ambos são concordantes, o caminho vinha do Rio Taperoá e depois tomava o curso do Rio da Farinha para ganhar o sertão das Espinharas como indica o mapa 2.

Fig2. Caminho traçado pelos Oliveira Ledo



Desenho do autor

Para tentar elucidar o real caminho que inaugurou o trajeto entre os Sertões dos Cariry e às Espinharas, estudamos minuciosamente as cartas de sesmarias doadas no território da Capitania da Paraíba e, conforme nos foi possível constatar, os registros

históricos apontam que a velha estrada que levava os sertanistas do Sertão do Cariry para o das Espinharas saía do arraial do Boqueirão (atual cidade de Boqueirão) subindo o Rio Paraíba até chegar a confluência com o atual Rio Taperoá, que era chamado antigamente de Rio da Travessia (Apud LEAL, 1993.p.80), e certamente este topônimo estava relacionado ao projeto de travessia dos sertões. Pouco antes de chegar ao lugar onde hoje está a cidade de Taperoá, antigo Batalhão, se tomava o curso do Riacho Escuro até a Serra do Pico e dali se descia pelo Riacho dos Mocós até este confluir com o Rio da Farinha, que por sua vez seguia com destino ao lugar Passagem das Espinharas, nome antiquíssimo, pois consta registrado em inventários da grande data que pertenceu ao capitão-mor Teodósio de Oliveira Ledo (ALMEIDA, 1979.p.25) e que sem dúvidas estava relacionado ao boqueirão da atual Serra do Firmiano, que serve como marco de finalização do Vale do Farinha e abre “passagem” para o Sertão das Espinharas.

Como é possível observar, a toponímia é flagrante no determinar do trajeto e, se não fossemos exigentes às fontes, como deve ser um aspirante a historiador, os indicativos toponímicos, por si só, já seriam suficientemente esclarecedores para um veredicto em favor deste caminho. Todavia, o compromisso com a fundamentação nos levou a estudar todas as 1.133 cartas de sesmaria doadas pelo governo da Capitania da Paraíba (Apud TAVARES, 1982) em busca de indicativos de época do antigo caminho que levava os sertanistas do Cariry às Espinharas. Esta busca nos foi definitiva para demonstrar o caminho de modo enfático e irrefutável, pois a maioria dos topônimos seiscentistas ainda perdura como pistas latentes deste passado(BRITO, 2011.p.53).

2.2.1- A antiga Estrada Real de Espinharas

Podemos encontrar referências a estrada que seguia dos cariry às Piranhas na transcrição de Tavares, onde ele aponta na sesmaria número 35 de 23 de Janeiro de 1703 que:

[...] Licenciado Francisco Tavares de Mello, Capitão Gonçalo Pes Chaves, Gonçalo Brabosa, e ajudante Cosme Pinto, moradores nesta capitania, dizem que não tendo terras para crear seus gados e tendo descoberto sobre a serra da Borburema, da estrada que seguia dos Cariris para as Piranhas para a parte do nascente um riacho chamado pela língua do gentio – Unebatucu, cujas terras estão devolutas, e tão somente

descobertas pelo gentio bravo, que antigamente parece, tiveram nella uma aldeia, por alguns vestígios que nella se achavão; e supposto não tinha dito riacho aguas necessárias queriam eles suplicantes fazerem benefícios para as represar; pelo que pediam tres legoas de terras de comprimento e uma de largo para cada um, começando dos vestígios da dita aldeia pelo dito riacho abaixo, ficando-lhe este em meio da largura pedida. Feita a concessão pelo capitão-mór Francisco de Abreu Pereira, de seis legoas de comprimento e uma de largura, que partirão por data entre si os suplicantes. (Apud TAVARES, 1982.p.50)

Reafirmada pela sesmaria número 590 de 19 de Novembro de 1792 onde aponta que a mesma ficava a margem do Riacho Escuro (Taperoá), que o gentio chamava de Unebatucú, e passava pelos vestígios de uma aldeia extinta²⁵:

[...] Capitão Antônio Dias Antunes, morador em Espinharas, diz que em cima da serra da Borburema, em um riacho que corre do poente para a nascente chamado riacho Escuro e pela língua do gentio Utrebetuquão, se achão terras devolutas e porque precisa dellas pedia por sesmaria três legoas de comprido e uma de largo pegando de um olho d'agua chamado Jatobá, legoa e meia pelo riacho acima até os vestígios que demonstram haver antigamente aldeia do gentio, e do mesmo olho d'agua para baixo outra legoa e meia, para fazer tres e uma de lago, maia para cada banda, ficando o dito riacho em o meio, cujas terras contestam pelo nascente com terras que foram dos padres jesuítas e pelo poente com terras que foram de Thomaz de Almeida; pelo norte com terras de N. S. da Conceição do Estreito e pelo sul com terras que foram dos mesmos padres jesuítas, águas vertentes para o Cariry de Fóra. Foi feita a concessão, no governo de Francisco Xavier de Miranda Henrique. (Apud TAVARES, 1982.p.309)

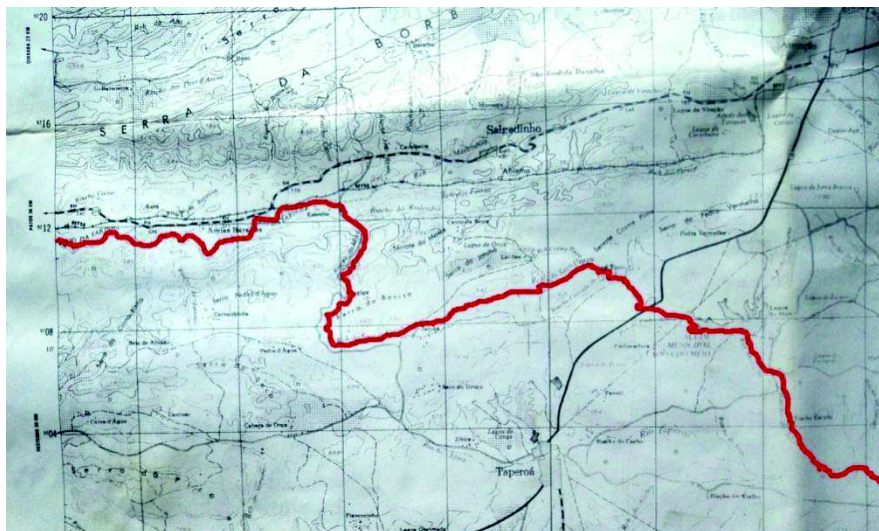
Uma terceira sesmaria, esta de número 844 datada de 26 de Maio de 1786, faz clara referência à “estrada velha do Pico”, que ficava em cima da Serra da Borborema, em águas para Piranhas e águas para o Cariry, nas testadas de Antônio Dias Antunes com terras dos Oliveira e que passava pela Serra do Pico:

²⁵Segundo nos explicou o etimologista Vanderley de Brito, a “aldeia extinta” que os documentos se referem certamente ficava na confluência entre o Riacho Escuro e o Rio Taperoá, e este rio tomou o nome em referência à aldeia extinta, pois o vocábulo Taperoá é tupi e vem da junção de *tapera*, que quer dizer “aldeia extinta”, *euá*, que significa “assento” e, portanto diz respeito a um lugar onde há uma aldeia abandonada. Hoje em dia a palavra *tapera* foi incorporada a língua portuguesa para fazer referência a uma casa velha ou em abandono, mas no tupi antigo referenciava uma aldeia abandonada (conjunto de choças), tanto que vem de *taba* (aldeia) junto ao o sufixo de passado *puera*, querendo exprimir uma aldeia que não era mais aldeia. O termo juntando-se ao advérbio de lugar “*uá*” formou o vocábulo “*Taperuá*”. (BRITO, 2013.p.12).

[...] João Barboza de Souza e Antonio Barboza de Souza, dizem que descobriram em cima da serra da Borborema uma lagôa chamada de Santa Anna, com terras de cultivar devolutas, pegando da estrada velha do Pico, testadas com o Capitão Antonio Dias Antunes, para o poente três legoas de terra, confrontando pelo nascente com o sitio da serra do Pico, para o norte com terras dos Oliveiras, para o sul com terras dos Oliveiras aguas para as Piranhas e aguas para o Cariry, e porque precisão das ditas terras para crear e plantar pedem por sesmaria as três legoas confrontadas. Foi feita a concessão, no governo de Jeronymo José de Mello Castro. (Apud TAVARES, 1982.p.413)

Não há dúvidas de que as três sesmarias estão se referindo à mesma estrada e, portanto esclarece que o percurso antigo do Arraial do Boqueirão para as Espinharas se fazia via Rio Taperoá, passando nos lugares onde hoje estão as atuais cidade de Cabaceiras e São João do Cariri, mas nestes tempos não passava onde hoje é a cidade de Taperoá, pois antes, na bifurcação do Rio Taperoá com o Riacho Escuro descia este riacho, passando pela Lagoa do Meio onde tomava o rumo oeste pelo Riacho Saco do Uruçu,²⁶ passando por Cosme Pinto, depois margeando rente a Serra do Pico onde descia a Borborema pelo Riacho do Mocó, que, já na meia encosta da serra recebe as águas do Riacho Rodeador e vai confluír no Rio da Farinha no lugar Estreito como pode ser analisado no mapa 1.

Fig1. Trajeto entre o Arraial do Boqueirão até o Rio das Espinharas



Folha SB.24-Z-D-IIIMI-1210 - SUDENE – 1:100.000

²⁶ O Riacho Saco do Uruçu não é nada mais do que uma extensão do Riacho Escuro para o oeste, talvez o nome Uruçu seja uma corruptela do antigo nome Unebatucú, que o gentio dava ao Riacho Escuro.

A estrada antiga era denominada de Estrada Real da Espinhara, e ainda existia até princípios do século XX, pois Joffily fala em 1892 que a Serra do Pico estava “paralela à estrada que da villa do Batalhão segue para a de Patos” (JOFFILY, 1977.p.94) e nessa mesma obra faz referência a “pequena povoação de Passagem na estrada geral que segue para a villa de Batalhão” (JOFFILY, 1977.p. 305).²⁷

Na década de 1920, como já havia automóveis circulando na Paraíba as estradas demandavam serem mais largas para atender a necessidade dos veículos. Desse modo, o acesso íngreme vindo de Taperoá se mostrava inadequado para o trânsito de automóveis e, no governo de Epitácio Pessoa, quando a Inspectoria Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS) iniciou o abrimento dos 111km da estrada de Soledade a Patos tomou o curso da Serra da Viração, seguindo o Vale do Farinha, e o caminho antigo foi abandonado por ser inadequado à rodovia que neste trecho, conforme atesta o geólogo Moraes, na época ficou denominada de Estrada de Rodagem da Viração (MORAES, 1924.p.09). Todavia, o antigo e acidentado caminho margeando o Riacho do Mocê ainda existe, embora quase em abandono.

Desde sua abertura em fins do século XVII até o início do século XX Antiga Estrada Real das Espinharas serviu como a principal rota de viajantes, comerciantes e qualquer popular ou autoridade que desejasse ir da capital aos Sertões ou no sentido reverso. Tratasse atualmente do maior patrimônio histórico e arqueológico (em extensão) do Estado da Paraíba que contrasta com o esquecimento e até desconhecimento da academia, institutos de memória e poder público em relação a sua existência, sua riquíssima história secular vem gradativamente definindo na memória dos moradores mais antigos da região que narram empolgados²⁸ as aventuras de seus antepassados no cruzamento desse patrimônio em perigo de extinção.

3- CONCLUSÃO

A Estrada Real de Espinharas, inaugurada pelo clã Oliveira Ledo para ligar o Cariry às Espinharas, foi depois estendida e definida oficialmente por Antônio de Oliveira Ledo, quando o então governador da Paraíba Alexandre de Souza Azevedo,

²⁷ Vila de Batalhão era a atual cidade de Taperoá, mas certamente o antigo caminho dos Oliveira Ledo originalmente não passava por onde hoje é Taperoá, só veio a passar depois que se formou uma povoação ali, já em fins do século XIX.

²⁸ Durante as visitas em loco conversamos com populares que narravam histórias da Antiga Estrada por antepassados e por eles próprios, as visitas ocorreram nas cidades de Taperoá e Passagem.

(empossado em 1678), o incumbiu de fazer uma entrada da cidade da Parahyba ao alto sertão em missão de reconhecimento e, nesta bandeira se definiu as cento e cinquenta léguas desta primeira Estrada Real (Apud ALMEIDA, 1978.p.18). Por um bom tempo esta estrada foi a principal via de integração leste-oeste da Capitania, partindo da cidade da Parahyba com destino ao Sertão das Piranhas. Foi por ela que seguiu Theodósio de Oliveira Ledo quando fundou a atual cidade de Campina Grande no longínquo ano de 1697,mas com o tempo a estrada foi gradativamente mudando o curso em favor das novas povoações que iam surgindo e dos interesses de mandatários e aos poucos foi se distanciando de seu itinerário primitivo até se tomar o que hoje conhecemos como Rodovia Antônio Mariz (BR 230).

Todavia, ainda existem alguns trechos fragmentários desta antiga estrada, com pouco uso, mas como referência de formações latentes culturais e geo-históricas deste passado colonial. O mais emblemático deles, em nosso julgar, é a fração que ainda subsiste passando rente a Serra do Pico, no atual município de Taperoá, que desce o desfiladeiro em direção ao Vale do Farinha. A estradinha de terra, tal qual foi inaugurada pelo facão dos desbravadores seiscentistas, ainda segue junto ao curso do Riacho dos Mocó, passa na bifurcação deste com o Riacho Rodeador e desce serpenteando passando pela povoação do Estreito, depois cruza o Rio da Farinha e vai se encontrar com a PB 228 a uns 2 Km antes da chegada a cidade de Areia de Baraúnas.

Como ficou explicito, a Antiga Estrada Real das Espinharas é um riquíssimo patrimônio histórico e arqueológico de nosso Estado que deve ser melhor estudado e preservado. Essa produção vem com o objetivo de alertar os demais pesquisadores da existência desse patrimônio, que se melhor discutido poderia proporcionar imensos subsídios para a história da Paraíba, que, infelizmente, vem sendo massacrada pelo pedantismo no qual, muitos pesquisadores, inclusive desta bibliografia, repetem palavras de outros historiadores sem visitar a fonte pessoalmente.

Os pesquisadores pioneiros da história da Paraíba tem mérito incontestável em suas publicações, entretanto, o século XIX nos proporciona certos artifícios que facilitam a pesquisa e nos incumbe de reanalisar as fontes e monumentos que compõem nossa história.

Ao término deste trabalho, essa obra resultará em uma publicação voltada para revistas acadêmicas e fichas de sítio (histórico e arqueológico) que serão encaminhadas para os órgãos de proteção e divulgação do patrimônio histórico (IPHAN e IPHAEP), com o objetivo de fomentar a discussão a cerca da desconstrução de nossa história

inserindo novos pontos de debate para que fatos e fatores como esse não caiam no profundo “canhão” do esquecimento.

ABSTRACT

Given the size that involved the process of the conquest of the Sertões da Paraíba by the Oliveira Ledo, it is fundamental to understand, to specify and to re-evaluate between the lines of the oldest documents, in dialectics with recent productions in the light of new perspectives such as toponymy, cartography and the paleography, for a rereading of the root of the sertanejo colonizing process, which, in our opinion, begins in the determination of the initial route of the exploration and conquest of the Sertões. The old route of the Espinharas, which still have some preserved or little damaged parts, that served as a mainstay for these old flags, constitutes a patrimony of the seventeenth period that needs to be inventoried and preserved, because through it one can know a series of facts and imaginaries related to the first settlers of the backlands of Paraíba.

In this way, our objective in this work is to gather data not yet observed by the current historiography, both sixteenth and present, to analyze and to base the route traced by Oliveira Ledo to begin his conquest of the Sertões Paraíba, in competition with the house of Garcia D 'Ávila and so that it can integrate the collection of historical assets of the State, as well as serve as a contribution to historical and archaeological research. The study took place both in the study of the sources and in the field research to verify personally the existence, the route, importance and state of preservation in which this patrimony is found.

Keywords: 1.Capitania da Paraíba; Sertões da Paraíba; Oliveira Ledo.

REFERÊNCIAS

ABREU, J. Capistrano de. **Caminhos antigos e povoamentos do Brasil**. Rio de Janeiro: Briguiet, 1960.

ALMEIDA, Antônio Pereira de. **Os Oliveira Ledo e a genealogia de Santa Rosa**. 10º Vol. João Pessoa: Editora Gráfica Universal, 1978.

ALMEIDA, Elpídio de. **História de Campina Grande**. 2ª Edição. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1979.

ALMEIDA, Horácio de. **História da Paraíba**. Vol. 1. 2ª Edição. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1978

ALVEAL, Carmen Margarida Oliveira. Senhores de pequenos mundos: disputas por terras e os limites do poder local na América portuguesa. **Sæculum - Revista de História**, nº 26; João Pessoa, jan./jun. 2012.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **O Feudo. A Casa da Torre de Garcia d'Ávila: da conquista dos sertões à independência do Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

BARBOSA, Kleyson Bruno Chaves. **Intrusos do Piancó: controle régio e o impacto sobre as terras da casa da torre no sertão da Paraíba (1757-1776)**. Anais do XXVII Simpósio Nacional de História (AMPUH): Natal, 2013.

BRITO, Erik. **História Colonial da Parahyba**. Campina Grande: Cópias & Papéis. 2015.

_____. **A Passagem das Espinharas**. Campina Grande: Erik Brito Editor – No Prelo - 2017.

BRITO, Vanderley de. Boqueirão de Carnoió: a toponímica como cultura imaterial. **Revista Tarairiú**. Ano II, nº03- Set/out. Revista Eletrônica do Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da UEPB - Campina Grande, 2011.

_____. **Missões na Capitania da Paraíba**. Campina Grande: Cópias & Papéis, 2013.

BRITO, Vanderley de; OLIVEIRA, Thomas Bruno. Topônimos da Paraíba: um estudo dos vocábulos Banabuyê, Puxinanã e Bruxaxá à luz de idiomas macro-jê para a compreensão do povoamento do brejo paraibano. **Revista Tarairiú**. Ano IV, nº 06 – Jun. Revista Eletrônica do Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da UEPB - Campina Grande, 2013.

BRITO, Vanderley de; BRITO, Shirley Farias de. Caturité: A corruptela de um cardinotopônimo cariri que tinha a função dupla de identificador e identificação.

Revista Tarairiú. Ano VII, Vol. 01, nº 12 – Ago. Revista Eletrônica do Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da UEPB - Campina Grande, 2016.

CALMON, Pedro. **História da Casa da Torre:** uma Dinastia de Pioneiros. 2ed., Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1958, 71;127.

JOFFILY, Irineu. **Notas sobre a Paraíba** (edição Fac-símile da primeira edição publicada no Rio de Janeiro em 1892). Brasília. Thesaurus, 1977.

LEAL, José. **Vale de Travessia.** 2ª Edição. Campina Grande: Editora Santa Fé, 1993.

MACHADO, Maximiano Lopes. **História da Província da Paraíba.** João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1977.

MELLO, José Octávio de Arruda. **História da Paraíba:** Lutas e Resistência. 3ª Edição. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1995.

MOARES, Luciano Jacques de. **Serras e Montanhas do Nordeste.** Vol. II. Rio de Janeiro: Ministério de Viação e Obras Publicas/IFOCS, publ. Nº 58, série I.D. 1924.

NANTES, fr. Martinho de. (1706) **Relação de uma missão no Rio São Francisco:** relação sucinta e sincera da missão do padre Martinho de Nantes, pregador capuchinho, missionário apostólico no Brasil entre os índios chamados cariris. Tradução e comentários de Barbosa Lima Sobrinho. – São Paulo: Ed. Nacional; [Brasília]: INL, 1979.

PESSOA, Ângelo Emílio da Silva. **As ruínas da tradição:** a Casa da Torre de Garcia D'Ávila – família e propriedade no Nordeste colonial. Tese (Doutorado em História), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

PINHEIRO, Ivan. **Assu:** dos Janduís ao sesquicentenário. Assu: Queima Bucha, 2010.

SILVA FILHO, Severino Barbosa da. **Marranos na ribeira do Paraíba do Norte**. Campina Grande: Agenda, 2005.

SEIXAS, Wilson Nóbrega. **O velho arraial de Piranhas (Pombal)**. 2ª Edição. João Pessoa: Editora Grafset, 2004.

TAVARES, João de Lyra. **Apontamentos para a História Territorial da Parahyba**. Mossoró: Coleção Mossoroense, 1982.